

A CADA MERGULHO, UM FLASH

Zuleika de Souza/CB



A ATRIZ DIRA PAES, GRÁVIDA DE TRÊS MESES: BANHO INESQUECÍVEL COM A EQUIPE DE AMARELO MANGA, EM 2002

RENATA CALDAS
ESPECIAL PARA O CORREIO

Tribuna de debates, passarela de biquínis, palco de bebedeiras homéricas. A pérgula da piscina do Hotel Nacional é o bastião mais freqüentado durante o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Glamoroso, o lugar já recebeu uma lista de estrelas que inclui Leila Diniz, Sonia Braga e Dina Sfat. Ponto de encontro obrigatório dos participantes, a piscina ganha frescor a cada edição do festival.

Mesmo quando o sol se esconde, o point é visitadíssimo. Depois da exibição no Cine Brasília, há quem arrisque um mergulho. A atriz Dira Paes, que neste ano é jurada da mostra em 35mm, lembra-se de um banho noturno com a equipe de *Amarelo manga*, em 2002. "Viemos todos para cá. Choveu e foi uma delícia porque a piscina ficou bem quentinha", diz a atriz, grávida de três meses.

A madrugada abriga os festeiros mais eufóricos. Quando o festival chega aos últimos dias, é comum ver gente chegando das baladas e pulando na piscina. O agito dentro d'água vira a noite, emenda no café-da-manhã e se estende na sauna, localizada no subsolo. "Muitos artistas tomam banho a contragosto. Os colegas empurram e vira uma brincadeira generalizada", entrega Jorge Azevedo, diretor comercial do Hotel Nacional.

Com uma ponta de orgulho de quem cuida da piscina, Marccondes Pereira comenta: "Banguça aqui é só nesse tempo do festival. Quando um filme ganha, é uma festa. Pula todo mundo". O maître Braz Rodrigues

DETALHES DA PISCINA

COMPRIMENTO

15m

LARGURA

10m

PROFUNDIDADE

2,5m

ABERTA

24h

conta que a noite da premiação é a mais longa do festival: "No último dia, saímos às seis da manhã. Os artistas são muito animados, bem diferentes das outras pessoas que vêm aqui".

O cineasta Sylvio Back freqüenta a piscina do hotel desde 1968, mas nunca deu um mergulho sequer. "Venho há 39 anos. A piscina tinha um glamour, que mal se comparava com o das praias de Cannes, onde as gatas dos filmes exibiam seus atributos físicos. Os outros são outros; o cinema é outro. A piscina era uma espécie de tribuna aquática, onde se discutia cinema aos gritos. Agora, as preocupações estão voltadas ao mercado."

Exemplo desse entusiasmo é lembrado por Guilherme Vaz, que assina a trilha sonora de filmes de Julio Bressane. Ele conta que, nos anos 1970, Glauber

Rocha encontrou colegas bebendo uísque na piscina e deu uma bronca generalizada. "Ele disse: 'É o fim da picada. Brasileiros tendo que cumprir missão cinematográfica tomando uísque a essa hora da manhã!", recorda. "Todo mundo saiu correndo para trabalhar", completa Vaz.

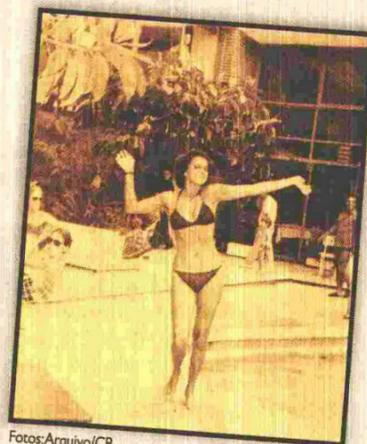
Para a pesquisadora Maria do Rosário Caetano, o festival tem ficado sério ao passo que os freqüentadores estão mais envergonhados. "O festival puxa muito para o debate. Não há tanta brincadeira. Está um pouco careta. Vinte por cento de glamour não faz mal a ninguém. As pessoas não devem se inibir tanto", provoca.

Début

Para o cineasta Vladimir Carvalho, o lugar está longe de ser classificado como mero tanque d'água. "É um espaço sagrado no festival. É uma extensão de outro templo, que é o Cine Brasília", define. Para o documentarista, a piscina do hotel traz recordações da primeira vez em que esteve em Brasília, em 1969, quando veio com o curta-metragem *A bolandeira*. "Me deparei com aquele ambiente de luxo, de glamour, cheio de atores. Me lembro de Leila Diniz grávida mergulhando."

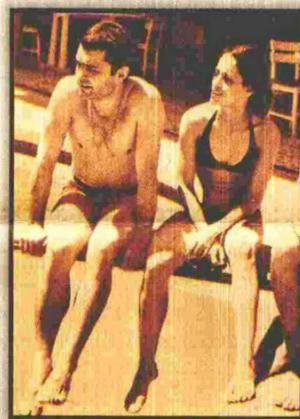
O cineasta recorda-se que precisou tomar um porre para poder entrar na piscina e enfrentar o dia frio. "Foi meu debut em Brasília." A beira da piscina foi também palco de desavenças. Vladimir lembra de uma briga entre o diretor Rogério Sganzerla e o crítico Rubens Ewald Filho. "Foi um arrastapé danado. Houve agressão física, empurrões. Um bafafá, uma desavença em torno de opiniões."

QUATRO DÉCADAS DE AGITO



Fotos:Arquivo/CB

A GRAÇA DE LEILA DINIZ: UMA DAS MUITAS ESTRELAS QUE PASSARAM PELA PISCINA DO HOTEL NACIONAL



OTHON BASTOS, ELEITO MELHOR ATOR EM 1970, E SONIA BRAGA: NO TEMPO DO TRAMPOLIM



ENTREVISTA COLETIVA DE PAULO CÉSAR SARACENI DURANTE O FESTIVAL DE 1971: À DIREITA, DE BIGODE, O ATOR JOSÉ LEWGOY

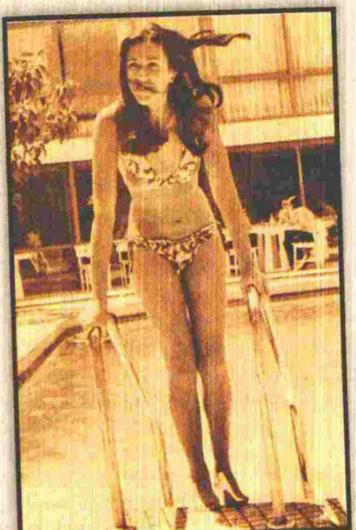


Jorge Cardoso/CB - 29/11/97

OS ENTÃO CURTA-METRAGISTAS JOSÉ EDUARDO BELMONTE, PAULO CALDAS, JANÁINA DINIZ E JOSÉ PEDRO GOULART: HÁ 10 ANOS



DINA SFAT E VERA MANHÃES, MÃE DE CAMILA PITANGA: BATE-PAPO E BRONZEADO



ÍTALA NANDI, DE OS DEUSES E OS MORTOS, VENCEDOR DA SEXTA EDIÇÃO DO FESTIVAL, EM 1970: BELEZA AO VENTO